

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA A HISTÓRIA DO
ENSINO DAS LÍNGUAS E LITERATURAS ESTRANGEIRAS

CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DO PORTO



Dos Autores de Manuais aos Métodos de Ensino das Línguas e Literaturas Estrangeiras em Portugal (1800-1910)

Luís Alberto Marques Alves
Ausenda Babo
Luzia Blard
Maria Hermínia Amado Laurel
Daniel Coste
Sónia Duarte
Juan F. García Bascuñana
Monica Lupetti
Fernando Carmino Marques
Fátima Outeirinho
Alicia Piquer Desvaux
Rogelio Ponce de León Romeo
Maria José Salema

ORGANIZAÇÃO:

Sónia Duarte
Fátima Outeirinho
Rogelio Ponce de León

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Dos Autores de Manuais aos Métodos de Ensino das Línguas e Literaturas Estrangeiras em Portugal (1800-1910)

ORGANIZADORES

Sónia Duarte, Fátima Outeirinho, Rogelio Ponce de León

EDITOR

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto

LOCAL

Porto

ANO DE EDIÇÃO 2014

CAPA José Osswald

CONCEPÇÃO GRÁFICA Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

ISBN 978-989-8648-32-7

DEPÓSITO LEGAL 383201/14

TIRAGEM 150 exemplares

Breves considerações sobre o Curso de língua hespanhola (Porto 1888) de Henrique Brunswick¹

ROGELIO PONCE DE LEÓN ROMEO
Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto

1. Considerações iniciais

Diversos investigadores na história do ensino de línguas estrangeiras têm vindo a salientar a escassez de materiais para o ensino-aprendizagem do Espanhol em Portugal, que começam a ser publicados, de forma ocasional, a partir de meados do Século XIX (PONCE DE LEÓN 2005; PONCE DE LEÓN 2007; Álvarez 2005; DUARTE 2008a; DUARTE 2008b). A este propósito, parece-me ilustrativo e sintomático que, das obras para o ensino de línguas publicadas por Joaquim Gonçalves Pereira na colecção *O mestre popular aperfeiçoado*, só tenha sido publicada uma edição daquela que se dedica à aprendizagem da língua espanhola (PONCE DE LEÓN 2005: 679-681; PONCE DE LEÓN 2007: 65-66) – e que, segundo os dados de que disponho, foi editada em Madrid, em 1883 (CARDOSO 1994: 178) –; por sua vez, os manuais elaborados pelo mesmo autor, centrados no estudo de outras línguas – italiano, francês, alemão ou inglês –, gozaram de numerosas edições, cuja divulgação, em certos casos – como aquela que se centra na língua inglesa² –, chega até ao último quartel do século XX. Delas se localizam inúmeros exemplares nas bibliotecas e livrarias; do manual sobre o Espanhol, pelo contrário, não se conhecem exemplares.

Um caso muito semelhante – embora com melhor sorte, na medida em que podem ser encontrados exemplares da obra nas bibliotecas – é o do *Curso de língua hespanhola* (Porto 1888) de Henrique Brunswick (1846-1919), prolífico autor – e, em certos casos, revisor das obras de Jacob Bensabat – de manuais para o ensino do Inglês e do Francês e de dicionários³, alguns dos quais ainda se publicavam – como os manuais de Joaquim Gonçalves Pereira – nas últimas décadas do século passado, se bem que o livro dedicado ao

¹ O presente trabalho foi realizado no âmbito do projeto de investigação “Centro de Linguística da Universidade do Porto – Unidade de I&D – Ano 2010” financiado pela Fundação para Ciência e a Tecnologia.

² A última edição (ou reimpressão) que conheço é datada de 1992.

³ O elenco das obras lexicográficas de Henrique Brunswick foi apresentado por Telmo Verdelho (2002: 54).

ensino da língua espanhola conte apenas com uma só edição. Sobre o *Curso* – obra muito pouco estudada, com contadas exceções (ÁLVAREZ 2005: 49; PONCE DE LEÓN 2007: 66-68), pelos investigadores na história do ensino do Espanhol – versam as seguintes páginas.

2. O Curso de língua hespanhola de Brunswick: motivação para a redação da obra

Como foi referido no início, o *Curso de língua hespanhola* integra-se na extremamente escassa produção de materiais exclusivos para o ensino do Espanhol em Portugal, que se inicia⁴ com a publicação da *Grammatica hespanhola para uso dos portugueses* (Porto 1848) por Nicolau António Peixoto⁵; a obra objeto em estudo, no entanto, pode ser considerada – se excetuarmos *O hespanhol sem mestre* de Joaquim Gonçalves Pereira, que parece ter sido publicado, como acima foi indicado, em Madrid, em 1883 – como o primeiro manual publicado em Portugal para o ensino-aprendizagem do Espanhol⁶. Neste sentido, Brunswick, no prefácio – intitulado *O porque d’este livro* (1888: 7-10) –, põe em relevo precisamente o facto de o manual em análise constituir “a primeira tentativa feita no sentido de unir pelas letras Lusos e Hispanos” (1888: 10); contudo, omite – quer por desconhecimento, quer de forma consciente – os materiais para o ensino do Espanhol já editados em Portugal. As razões para a elaboração e publicação da obra residem na aproximação comercial e cultural entre os dois povos, possibilitada pela criação de infraestruturas:

N’estes últimos anos traçaram-se varios hyphens entre as palavras Portugal e Hespanha: assignaram-se tratados de commercio, lançaram-se pontes sobre os rios divisórios, construíram-se caminhos de ferro por um e outro lado, estreitaram-se as relações, e nunca se deixaram de pronunciar brindes fraternaes sempre que uma inauguração internacional se realisou cá ou lá. Hoje ha um vaivem continuo entre as nossas cidades e as cidades hespanholas [...] (*idem*: 7).

Por outro lado, Brunswick, partindo da explicitação de um tópico ainda hoje vigente – isto é: a capacidade dos portugueses para entenderem a língua espanhola e a incapacidade dos espanhóis para entenderem a língua portuguesa –, defende que:

⁴ Anos antes José Vicente Gomes de Moura tinha publicado umas interessantíssimas *Taboas de declinação e conjugação para aprender as línguas espanhola, italiana e franceza, comparando-as com a portugueza* (Coimbra 1821) (DUARTE 2006; PONCE DE LEÓN 2009).

⁵ Desta obra Sónia Duarte (2008b) realizou uma edição crítica com estudo preliminar.

⁶ A obra é baseada numa das propostas metodológicas mais inovadoras da época; refiro-me ao método didático concebido pelo alemão Franz Ahn para a aprendizagem de línguas (SÁNCHEZ 2000[1997]: 100).

[...] não ha nenhum Hespanhol que tendo vindo a Portugal não fosse entendido por todos falando no seu idioma. Na capital, no Porto ou n'outra qualquer cidade de provincia n'uma villa, por central que esteja, ainda mais, em qualquer aldeia, todos entendem um Hespanhol quer elle fale o puro castelhano de Valhadolid, quer se explique no mais devorador malaguenho.

Existe reciprocidade? Ha por acaso algum Portuguez que falando a sua lingua conseguisse fazer entender-se a uma lengua distante da fronteira? Por certo que não. Não quero agora dizer o porque d'isto; indico-o e nada mais.

E indicando-o faço suficientemente conhecer a necessidade que ha de que bem ou mal saibamos alguma coisa da lingua de Cervantes para não nos prestarmos á mofa dos nossos hóspedes quando lhes entremos pelas portas dentro. É necessário saber que ha só uma coisa sobre a qual o Hespanhol é recalcitrante: os idiomas. Cid, o Campeador, matava Moiros porque falavam arabe; se falassem como *Dios manda* seriam os melhores amigos do mundo; esta é a verdade: o Hespanhol nunca será amigo senão de quem fale como elle⁷ (*idem*: 9).

De acordo com as palavras que acabam de ser reproduzidas, o autor do *Curso* parece estabelecer o seu manual como um instrumento para aperfeiçoar – no plano gramatical e muito provavelmente também no das competências de produção e de compreensão escrita – a aptidão natural dos portugueses para perceber a língua espanhola.

3. Estrutura da obra e orientações metodológicas

Nas linhas anteriores, foi adiantado que o *Curso de língua hespanhola*, segundo as notícias de que se dispõe, é o primeiro tratado para a aprendizagem do Espanhol publicado em Portugal segundo o “método Ahn”, que Aquilino Sánchez descreve sumariamente da seguinte forma:

Cada sección de libro se inicia con un breve resumen gramatical. Siguen luego unas doce palabras y acaba la sección con frases para traducir en la lengua que se aprende [...]. Las lecciones son cortas: abarcan una sola página. El libro [...] finaliza con dos apéndices: uno con vocabulario agrupado en 12 áreas temáticas y otro con 12 páginas más de diálogos. Las frases son muy sencillas y próximas a lo que podría llamarse lenguaje “usual y familiar”. Respecto a los conocimientos gramaticales que pueden precisarse para comprender la gramática aquí incluida, éstos se reducen a lo mínimo: *singular, plural, nombre...* Todo es sencillo (1992: 208-209).

⁷ Pese embora as observações de Brunswick, em terras espanholas certos autores começavam a ter a preocupação de elaborar manuais para o ensino do Português; é o caso de Francisco de Paula Hidalgo, que, em 1876, publicou em Madrid um *Primero y segundo curso de portugueses* segundo o *Método de Ahn* (PONCE DE LEÓN 2009b); por sua vez, Francisco Carrillo Guerrero publicava em 1911 uma *Gramática elemental de la lengua portuguesa* (PONCE DE LEÓN 2008).

Inspirado, com efeito, nestas diretrizes metodológicas, Henrique Brunswick estrutura o seu manual em três livros – aos quais agrega, no início, umas “noções preliminares” sobre questões fonéticas e ortográficas (BRUNSWICK 1888: 11-14) –, cuja matéria, aparece distribuída em 123 unidades – ou “lições”, segundo a expressão anteriormente reproduzida de Aquilino Sánchez, ou “parágrafos”, de acordo com as indicações registadas noutros manuais baseados no método de Franz Ahn –, de extensão variável e que podem ser analisados de acordo com a sua composição e com os objetivos de aprendizagem. No atinente à composição das unidades, estas apresentam, na maior parte dos casos⁸, uma estrutura complexa, porquanto integram componentes gramaticais e/ou lexicais com a correspondente tradução para Português, para passar a pô-las em prática através de um exercício de tradução directa; sirva como ilustração a unidade 63 (BRUNSWICK 1888: 68-69), que passo a descrever:

- i) É apresentada, em primeiro lugar, uma lista de vocábulos que, embora não se agrupem explicitamente em áreas temáticas, possuem, regra geral, certa coesão lexical; no que se refere à unidade referida, são introduzidos os nomes de certos meses – ‘enero’, ‘febrero’, ‘marzo’, ‘abril’ –, vocabulário geral relacionado com as refeições – ‘comer’, ‘comida’, ‘almuerzo’, ‘cena’, ‘cenar’ –, formas gramaticais – pronome ‘quanto’ e os pessoais ‘conmigo’, ‘contigo’, ‘con nosotros’ –.
- ii) A seguir, são introduzidas, num plano paradigmático – e, portanto, sem recurso a regras gramaticais⁹ –, as formas dos presentes do indicativo e do conjuntivo do verbo ‘almorzar’, como exemplo daqueles verbos cuja vogal radical ‘o’ ditonga em ‘ue’.
- iii) A unidade conclui com um conjunto de orações em língua espanhola para serem traduzidas para Português.

Se se atentar, por conseguinte, na estrutura referida, parece que a proposta didática de Brunswick favorece uma aprendizagem indutiva das regras gramaticais subjacentes aos paradigmas, pelo menos em unidades como aquela que foi descrita; contudo, esta sequência não implica, como já notei noutro estudo (PONCE DE LEÓN 2007: 68), a eliminação de preceitos gramaticais no *Curso de*

⁸ Em certos casos, não obstante, a unidade não constitui senão um exercício de tradução directa.

⁹ No entanto, há, relativamente às formas indicadas, uma observação de índole linguística em nota de rodapé: “Como *almorzar* conjugam-se todos os verbos da primeira conjugação que tem *or* na penúltima syllaba; taes são *acordar*, *recordar*, etc. Exceptua-se *orar* que é regular” (BRUNSWICK 1888: 68); há ainda, no fim do paradigma, uma referência a uma regra gramatical anteriormente apresentada, segundo a qual ‘almorzar’ é “regular nos outros tempos atendendo ao dito na regra 32” (*idem*: 69).

lingua hespanhola; pelo contrário, estes aparecem, ao longo da obra, integrados, como primeiro elemento de boa parte das unidades, em parágrafos autônomos e numerados com o objetivo de poderem ser localizados oportunamente pelos interessados. Tal pode, com efeito, dar-nos uma ideia de que o autor também favorece procedimentos dedutivos para o ensino de noções gramaticais, se bem que, naquelas unidades em que há componentes teóricas mistas – isto é: aquelas que estão compostas de paradigmas e/ou expressões lexicais e observações metagramaticais –, a estratégia subjacente de aprendizagem – pelo menos no livro primeiro – parece ser a indutiva, porquanto são registados primeiro os paradigmas e, logo a seguir, as regras gramaticais.

No que respeita aos objetivos de aprendizagem, pode ser deduzida, no *Curso de lingua hespanhola*, uma tipologia de unidades adequada àqueles e condicionada pela progressão da matéria. A este respeito, pode estabelecer-se a seguinte distinção:

- i) Unidades centradas na aprendizagem das formas linguísticas (na vertente lexical e/ou gramatical), nas quais é distinguida uma tipologia bipartida: a) aquelas em que se favorece – se se tiver em consideração, como acima foi referido, a sequência subjacente – a via indutiva, e que habitualmente finalizam com um exercício de tradução direta; b) aquelas outras, localizadas nos livros segundo e terceiro, que favorecem uma via dedutiva de aprendizagem da gramática; trata-se, habitualmente, de unidades extensas, como é o caso daquela que inicia o livro terceiro (BRUNSWICK 1888: 113-121) sobre a caracterização e os usos dos modos e dos tempos e que é rematada com um quadro, de finalidade pedagógica retrospectiva, “das desinências dos verbos irregulares” (*idem*: 118-121).
- ii) Unidades que favorecem, de forma exclusiva, a prática linguística, consistentes em atividades de retroversão, e de extensão e complexidade estrutural variável e progressiva. Com efeito, nas “lições” iniciais, encontramos exercícios compostos por um número reduzido de expressões lexicais para serem traduzidas, que se vão tornando gradualmente mais complexos do ponto de vista estrutural e/ou lexical; por exemplo, as unidades 121, 122 e 123 (*idem*: 163-165) constituem extensas séries de provérbios em língua portuguesa, a propósito dos quais o autor introduz, no texto, quando julga oportuno, a tradução de certas unidades verbais ou pluriverbais de repercussões lexicais¹⁰ ou sintáticas¹¹.

¹⁰ Por exemplo: “Do mal o menos (*menor*). Do dito ao feito vai muito (*hay grande trecho*)” (*idem*: 164).

¹¹ Assim nos seguintes provérbios: “Com (*de*) mil amores” (*idem*: 164), “Andar de (*â*) gatas” (*idem*: 165).

4. Em torno da descrição gramatical

Acabo de referir que a aprendizagem – indutiva e dedutiva – da gramática está presente na obra de Henrique Brunswick; este facto poderá afastá-lo da essência do método concebido por Franz Ahn, se tivermos em consideração as palavras de Aquilino Sánchez, segundo o qual:

no sería exacto afirmar que el método de Ahn es un método gramatical, si con este término significamos lo que normalmente se entendía por tal. Se dan en él otros elementos añadidos que complementan lo estrictamente gramatical, cuales son la sencillez-simplicidad, la agrupación del vocabulario, las frases familiares o usuales, o la aplicación de la gramática al lenguaje práctico. Además el nuevo método de Ahn no se restringe solamente a esto, ya que elimina toda referencia explícita a la gramática (SÁNCHEZ 2000[1997]: 100).

Já adiantei que pelo menos esta última característica não se cumpre no *Curso de lingua hespanhola*. Com efeito, ao longo dos três livros de que consta a obra, as observações metalinguísticas – não apenas gramaticais, mas também lexicais ou pragmáticas – não só aparecem nos 132 parágrafos numerados, como também em notas de rodapé e em comentários não numerados.

No que se refere à abordagem metodológica das questões gramaticais, cabe salientar a sequência em que, neste tipo de manuais, são introduzidas, não se correspondendo com a exposição que se regista nas gramáticas, tal como põe em relevo Aquilino Sánchez, para o qual “se vislumbra [...] un criterio de selección y ordenación del material que empieza a fundamentarse em principios no usuales hasta entonces. Ya no es una distribución de lecciones de acuerdo con las clásicas *partes de la oración* [...]” (2000[1997]: 100). A este propósito, Henrique Brunswick respeita parcialmente a disposição dos manuais estritamente gramaticais: é verdade que, como já foi referido, a obra se inicia com noções de ortologia e ortografia, ao passo, que, nos livros, se desenvolvem questões predominantemente morfológicas – não parece haver uma abordagem de aspetos sintáticos –. Contudo, a apresentação destas parece estar condicionada por critérios didáticos e não gramaticais – respeitantes, estes últimos, como sublinha Aquilino Sánchez (2000[1997]: 100), à exposição da matéria segundo a sequência das classes de palavra –; refiro-me, essencialmente, ao facto de aparecerem, no primeiro livro, formas regulares, sejam quais forem as partes da oração em que se integram, ao passo que, a partir do livro segundo, começam a apresentar-se as irregularidades – como as dos verbos da segunda conjugação, o uso do artigo ‘el’ com substantivos femininos que começam por ‘a’ tónico, etc. – ou observações mais pormenorizadas e complexas de aspetos anteriormente abordados.

No que toca à teoria gramatical propriamente dita, Henrique Brunswick parece seguir alguma das edições da *Gramática de la lengua castellana* da Real Academia espanhola (GRAE), Instituição a que dedica a obra e à qual, a propósito de certas questões, se refere; assim acontece, por exemplo, ao justificar a sua opção pelo numeral ‘séptimo’ em vez da solução gráfica mais fonética ‘sétimo’ (“Também se escreve *sétimo*, *sétima*. A Academia Hespanhola dá a preferéncia á forma *séptimo*” [BRUNSWICK 1888: 104, n^a 1]), ou quando coloca a questão da variação genérica de ‘decimo cuarto’ (“Diremos *lección decimo-cuarta* ou *lección decima-cuarta*? A Academia não se explica claramente sobre este ponto duvidoso, mas parece optar pelo primeiro” [*idem*: 105, n^a 2]). Que o autor procedeu, para configurar o seu pensamento gramatical, a uma leitura muito atenta da GRAE pode ainda deduzirse da explicação que desenvolve, logo no início do livro terceiro, acerca dos modos e dos tempos verbais em Espanhol (*idem* 1888: 113-117), naquilo que constitui uma das mais extensas unidades da obra, dedicada exclusivamente à teorização gramatical. A proposta de Brunswick (1888: 113-117) sobre o sistema modal e temporal do verbo espanhol pode ser esquematizada da seguinte forma:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	Infinitivo
Presente	presente	Presente	Presente
pretérito imperfecto	pretérito imperfecto: i) “primeira forma” (<i>amara</i>) ii) “segunda forma” (<i>amaría</i>) iii) “terceira forma” (<i>amase</i>)		Pretérito
pretérito perfecto: i) pretérito perfecto simple (<i>amé</i>) ii) pretérito perfecto compuesto (<i>he amado</i>) iii) pretérito perfecto determinado (<i>hube amado</i>)	pretérito perfecto		Futuro
pretérito pluscuamperfecto	pretérito pluscuamperfecto: i) “primeira forma” (<i>hubiera amado</i>) ii) “segunda forma” (<i>habría amado</i>) iii) “terceira forma” (<i>hubiese amado</i>)		Gerúndio
futuro imperfecto	futuro imperfecto		participio
futuro perfecto	futuro perfecto		

Com efeito, a proposta relativa ao sistema verbal do *Curso de língua hespanhola* é coincidente com aquela que se apresenta na GRAE. Tal como se pode observar no quadro acima, Brunswick mantém as classificações tripartidas para o pretérito perfeito do indicativo, para o pretérito imperfeito e para o mais-que-perfeito do conjuntivo, tal como aparece nas primeiras edições da GRAE. Podem ser, contudo, detetadas, por motivos didáticos, certas estratégias, por assim dizer, distanciadoras da matéria registada na GRAE, respeitantes à redução da descrição gramatical e ao confronto com o sistema gramatical do Português – critério que, como foi adiantado, é permanente ao longo da obra em estudo –. Observe-se, a respeito disto, a explicação de Brunswick acerca do imperfeito do conjuntivo do Espanhol e aquela que é apresentada sobre o referido tempo na GRAE de 1858:

Brunswick	GRAE
<p>O futuro[i. e.: pretérito] <i>imperfecto</i> usa-se: a primeira ou a terceira forma quando o sentido da phrase exigir em portuguez o imperfecto do subjuntivo; a segunda ou a primeira quando o portuguez requerer o presente do condicional. Ex.: <i>Si yo amara</i> (ou <i>amasse</i>) <i>las riquezas</i>, se eu amasse as riquezas. <i>Yo amaría</i> (ou <i>amara</i>) <i>las riquezas</i>, <i>si...</i>, amaría[sic] as riquezas se... (1888 116)</p>	<p>Aunque el pretérito imperfecto de subjuntivo tiene tres terminaciones, sería un error el creer que pueden usarse indistintamente en todos los casos, pues se les encuentra muchas veces diferente valor, y forman muy diverso sentido. Por ejemplo, se dice bien: <i>Si yo amara ó amase las riquezas</i>, procurara ó procuraría <i>adquirirlas</i>; pero estará mal dicho: <i>Si yo amaría las riquezas</i>, procurase <i>adquirirlas</i>. Este ejemplo manifiesta que la primera y tercera terminación se pueden emplear indistintamente en muchos casos, pero no en todos, pues podemos decir: <i>Yo AMARA Ó AMARÍA las riquezas si me DIESEN la salud que me falta</i>, y aquí son equivalentes la primera y segunda terminación, dejando de serlo la primera y tercera, porque sería mala construcción: <i>YO AMASE las riquezas si me diesen</i>, &c. [...] (1858: 51)</p>

Seja como for, tendo em consideração certas caracterizações do *Curso de língua hespanhola* que me parecem alheias à teoria gramatical registada na GRAE, é muito possível que Brunswick tenha consultado outras fontes. Por exemplo, Brunswick parece não haver seguido a gramática da Real Academia Espanhola na sucinta caracterização do modo indicativo; para o nosso gramático, “[o] modo indicativo é o modo característico da afirmação real, ou que

se *suppõe real*” (BRUNSWICK 1888: 113); para a GRAE, por seu turno, “[m]odo *indicativo* es el que indica ó manifiesta directa y absolutamente, y con más ó menos proximidad, la existencia, accion, estado &c. de las personas ó cosas, como *yo soy; tú leias; aquel escribió; cessará el frio* (GRAE 1858: 46). É possível, a este propósito, que o autor do *Curso* tenha consultado gramáticas portuguesas, como a *Arte da grammatica da lingua portugueza* (Lisboa 1770) de António dos Reis Lobato, autor para o qual o “[m]odo indicativo, ou demonstrativo é a maneira de significar no verbo, afirmando que mandâmos fazer alguma cousa, como v gr. *Escreve tu*” (LOBATO 1837: 75).

Por outro lado, podem localizar-se, no *Curso*, certas observações que se centram sobretudo em questões de uso de estruturas gramaticais ou lexicais. Habitualmente, aparecem a propósito de orações em Português que o aluno deve traduzir para Espanhol; sirva como ilustração o comentário, em nota de rodapé, sobre uma das orações que integram a atividade de tradução da unidade 92 – “Nós passeamos comvosco” (BRUNSWICK 1888: 112) –. O autor refere que “[o]s hespanhoes usam poucas vezes como neutro o verbo *pasear*; geralmente fazem-o reflexo, *pasearse*, e dizem: *Me paseo, te paseas, se pasea* [...]. Etc.” (*idem*: 112, nº 1). Na verdade, o autor chama ao leitor a atenção para o uso (muito habitual) em Espanhol do dativo designado, na gramática do Espanhol, de aspetual ou concordado, acerca do qual já tinha realçado, em páginas anteriores do manual, a força expressiva do seu uso:

Frequentemente, e para dar mais força á phrase, usam os hespanhoes um pronome que o genio da nossa língua não admite Assim, para dizer a alguém “leva isto”, se lhe dirá *lleva esto* se queremos somente dar-lhe ordem de tirar o objecto de que se trata da nossa vista; mas se em vez de essa ordem lhe queremos somente dizer que leve aquillo para si, para o seu uso, diremos *llévate esto*. Estes pronomes são: *me, te, se usted* ou *ustedes, nos, os* (*idem*: 63).

Noutros casos, além de analisar a vertente formal da interação comunicativa, Brunswick determina o registo em que pode ser utilizada a estrutura gramatical ou lexical; por exemplo, na exposição do verbo ‘oír’, tece o seguinte comentário em nota de rodapé:

Oír, sobre tudo no imperativo tem muitas vezes o significado de olhar, de prestar atenção. A alguém a quem queremos perguntar alguma coisa dizemos: *oiga usted; ¿sabe usted si...? Oiga usted, buen amigo, conoce usted á D. Fulano?* Notaremos não obstante que este modo de falar é extremamente familiar (*idem*: 156).

Na verdade, o autor do *Curso* não faz senão determinar a variação significativa das formas de imperativo de ‘oír’ – e também das formas correspondentes do verbo português ‘olhar’ – em contexto de interação comunicativa.

5. Considerações finais

Parece-me oportuno, na conclusão do presente trabalho, salientar a importância pedagógica de um manual como o *Curso de língua hespanhola*, enquanto material para o ensino-aprendizagem do Espanhol no Portugal de Oitocentos, em cujas páginas não encontramos apenas indicações, como vimos, sobre questões gramaticais, ou lexicais, ou sobre a maneira como estes elementos devem ser utilizados em contexto; também, em certos passos, Henrique Brunswick parece oferecer orientações de tipo didático dirigidas ao docente de língua espanhola; por exemplo, na unidade 86, que segue aquelas em que se explica a formação do diminutivo, do aumentativo e do superlativo (*idem*: 94-98), o autor, indica, em nota de rodapé, que “[n]este exercício, o discípulo fará diminutivos ou augmentativos os nomes susceptíveis de diferentes graus de significação; fará também superlativos os adjectivos que o permittam” (*idem*: 98, nº 1). A meu ver, esta observação mostra que o *Curso de língua hespanhola* foi redigido com o objetivo de servir para a escolarização do Espanhol, pelo menos no âmbito privado, e de ser utilizado pelos professores que se dedicavam ao ensino desta língua. Este último aspeto e outros analisados anteriormente tornam o manual de Brunswick uma obra peculiar e, pelas suas características, pioneira na história do ensino do Espanhol em Portugal.

Referências bibliográficas

- ÁLVAREZ, Eloísa. 2005. “Decadencia de la lengua española, primeras gramáticas para lusohablantes y comienzos de enseñanza de esta literatura en la Universidad de Coimbra” in Luís Filipe Teixeira: Maria José Salema & Ana Clara Santos, orgs., *O livro no ensino das Línguas e Literaturas Modernas em Portugal: do Século XVIII ao final da Primeira República, Actas do II Colóquio da A.P.H.E.L.L.E.* Coimbra: A.P.H.E.L.L.E. 39-56.
- BRUNSWICK, Henrique. 1888. *Curso de língua hespanhola*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron.
- CARDOSO, Simão. 1994. *Historiografia gramatical: 1500-1920. Língua portuguesa – Autores portugueses*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras.
- DUARTE, Sónia. 2006. “A aproximação contrastiva ao espanhol nas *Taboas* de José Vicente Gomes de Moura: a teoria sintáctica subjacente” in Joaquim Barbosa & Fátima Oliveira, orgs., *Textos seleccionados do XXI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri. 329-339.

- DUARTE, Sónia. 2008a. “Los apéndices de la *Grammatica hespanhola para uso dos portugueses* de Nicolau Peixoto: el apartado ‘Phrases familiares’”. *Boletín de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*. 6: 29-46.
- DUARTE, Sónia. 2008b. *O contributo de Nicolau Peixoto para o ensino do Espanhol em Portugal: edição crítica da Grammatica hespanhola para uso dos portugueses*. Tese de mestrado apresentada ao Departamento de Linguística e Literaturas da Universidade de Évora. Évora: Edição da autora.
- LOBATO, António dos Reis. 1837[1770]. *Arte da grammatica da língua portugueza*. Paris: Livraria Portuguesa de J.-P. Aillaud.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio. 2005. “Textos para la enseñanza-aprendizaje del español en Portugal durante el siglo XIX: una breve historia”, in M^a Auxiliadora Castillo Carballo et al., coords., *Las gramáticas y los diccionarios en la enseñanza del español como segunda lengua: deseo y realidad. Actas del XV Congreso Internacional de ASELE. Sevilla 22-25 de septiembre de 2004*. Sevilla: Universidad de Sevilla, Secretariado de Publicaciones. 675-682.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio. 2007. “Materiales para la enseñanza del español en Portugal y para la enseñanza del portugués en España: gramáticas, manuales, guías de conversación (1850-1950)” in Gabriel Magalhães, coord., *Actas do Congresso RELIPES III*. Covilhã: Universidade da Beira Interior; Salamanca: Celya. 59-86.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio. 2008. “Gramática y traducción en la historia de la enseñanza-aprendizaje del portugués en España: la *Gramática elemental de la lengua portuguesa* (Heidelberg 1911) de Francisco Carrillo Guerrero” in Xosé Manuel Dasilva, ed., *Perfiles de la traducción hispano-portuguesa II*. Vigo: Academia del Hispanismo. 113-127.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio. 2009a. “Comparativismo y enseñanza de lenguas en el Portugal del siglo XIX: en torno a las *Taboas de declinação e conjugação* de José Vicente Gomes de Moura” in Victoriano Gaviño, ed., *Las ideas y realidades lingüísticas en los siglos XVIII y XIX*. Cádiz: Universidad de Cádiz. 519-533.
- PONCE DE LEÓN, Rogelio. 2009b. “Los inicios de la enseñanza-aprendizaje del portugués en España: breves consideraciones sobre *Primero y segundo curso de portugués* (Madrid 1876) de Francisco de Paula Hidalgo” in *Documents pour l’histoire du français langue étrangère ou seconde*, 4. [Disponível em web: <http://dhfiles.revues.org/757>; última consulta : 7 de maio de 2012.]
- Real Academia Española. 1858[1771]. *Gramática de la lengua castellana*. Madrid: Imprenta Nacional.
- SÁNCHEZ, Aquilino. 1992. *Historia de la enseñanza del español como lengua extranjera*. Alcobendas (Madrid): Sociedad General Española de Librería.
- VERDELHO, Telmo. 2002. “Dicionários portugueses, breve história” in José Horta Nunes & Margarida Petter, orgs., *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas / FFLCH – USP; Campinas: Pontes. 15-64.

